

USO DE PLANTAS MEDICINAIS NA ATENÇÃO BÁSICA¹

Sirléia Lieder², Anieli Pachla³, Jenifer Carolina Carré⁴, Marilei Uecker Pletsch⁵, Maristela Borin Busnello⁶, Marcio Junior Strassburger⁷.

¹ Projeto de extensão universitária, intitulado Cuidado Integral a Saúde.

² Aluna do curso de Graduação em Fisioterapia, bolsista PIBEX/UNIJUI, sirléia_1@yahoo.com.br

³ Aluna do curso de Graduação em Farmácia, Bolsista PIBEX/UNIJUI, anielipachla@hotmail.com

⁴ Aluna do curso de Graduação em Nutrição, Voluntária PIBEX/UNIJUI, jeni.carre@hotmail.com

⁵ Professora Mestre do Departamento de Ciências da Vida, Curso de Farmácia, marileiu@unijui.edu.br

⁶ Professora Doutora do Departamento de Ciências da Vida, Curso de Nutrição, marisb@unijui.edu.br

⁷ Professor Mestre do Departamento de Ciências da Vida, Curso de Fisioterapia, marcio.s@unijui.edu.br

Introdução

As plantas medicinais são definidas como aquelas capazes de produzir princípios ativos que possam alterar o funcionamento de órgãos e sistemas, restaurando o equilíbrio orgânico ou a homeostasia nos casos de enfermidades (FERRO 2008).

Nos dias atuais, há uma tendência mundial de defesa, estímulo e inserção da fitoterapia nos programas de Atenção Básica (AB). Em 1978, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconheceu oficialmente o uso de plantas medicinais e medicamentos fitoterápicos e recomendou a difusão dos conhecimentos necessários para o seu uso (WHO 2002).

Diante o exposto o projeto de extensão universitária “Cuidado Integral á Saúde” percebeu a necessidade de estudar o tema para posteriormente aplica-lo nas praticas de educação em saúde realizadas pelo projeto. O presente trabalho trata-se de uma revisão bibliográfica que tem como objetivo descrever o uso de plantas medicinais na AB.

Metodologia

Trata-se de uma revisão bibliográfica realizada no banco de dados do google acadêmico, usando os seguintes descritores em ciências da saúde (DeCS): plantas medicinais, atenção básica a saúde e educação em saúde. A seleção das fontes bibliográficas ocorreu durante o mês de junho de 2015, e deu-se por meio de afinidade com o assunto detectada por meio da leitura do resumo/ introdução da fonte selecionada. Foram selecionados apenas artigos em português e excluídas publicações antes do ano 2000.

Resultados e Discussão

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XVI Jornada de Extensão

Foram encontrados inúmeros trabalhos sobre a temática, porém para esta revisão, além do caderno de Atenção Básica 31, documentos do Ministério da Saúde (MS), e 1 livro, foram selecionados 10 artigos.

O ponto de partida de nossa discussão é a definição da fitoterapia e de plantas medicinais. No contexto da assistência farmacêutica planta medicinal é uma espécie vegetal, cultivada ou não, utilizada com propósitos terapêuticos, e fitoterápico um produto obtido da planta medicinal, ou de seus derivados, exceto substâncias isoladas, com finalidade profilática, curativa ou paliativa (Ministério da Saúde, 2009).

Segundo MACIEL et al. (2002) o uso de plantas medicinais na sociedade se dá desde a antiguidade para a cura das enfermidades. O Brasil especificamente é um grande produtor e consumidor de plantas medicinais, visto que é um grande centro de biodiversidade vegetal, com diversos tipos de ambientes e floras específicas, além disso, abriga centenas de etnias que introduziram na cultura popular o uso das plantas, para entre outros fins, o medicinal (COSTA e MAYWORM, 2011).

OLIVEIRA e MENINI NETO (2012) destacam a tradição familiar na indicação de uso de plantas medicinais. A partir disso, TOMAZZONI (2006) enfoca que o uso de tal terapia sem o devido acompanhamento, que pode trazer riscos para a saúde, visto que muitas espécies apresentam registro de toxicidade e contraindicações. Convergindo com ele CLARKE et al. (2007) afirma que, deve-se levar em conta que os produtos de origem vegetal podem causar reações adversas e efeitos tóxicos, isso muitas vezes acaba sendo um problema na utilização.

Por outro lado, YUNES et al (2001) já observavam crescimento na utilização de fitoterápicos pela população brasileira. Os autores afirmam que isso se deve aos avanços ocorridos na área científica, que permitiram o desenvolvimento de fitoterápicos seguros e eficazes, bem como, quanto a crescente busca por parte da população por terapias menos agressivas destinadas ao atendimento primário à saúde.

Os estudos ligados ao uso de plantas são de extrema importância para validar o seu potencial medicinal (LIMA et al, 2014). Digamos então que esta é uma área ainda a ser explorada e tem muito a agregar na saúde da população. Ainda de acordo com os autores, o uso da fitoterapia, pode funcionar como uma ferramenta eficaz e de baixo custo, que atende as necessidades da população, beneficiando principalmente a população com menos acesso as terapias alopáticas. ETHUR et al (2011) consideram que as classes mais pobres são as que mais fazem uso de plantas medicinais. Isso ocorre porque muitas vezes não tem dinheiro para acessar os tratamentos convencionais para a cura de seus males.

No que diz respeito a legislação a Anvisa elaborou a RDC nº 10/2010 que dispõe sobre a notificação de drogas vegetais, e promoveu a revisão das monografias de plantas medicinais (Ministério da Saúde, 2012).

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XVI Jornada de Extensão

Porém, percebe-se que há necessidade de capacitação dos profissionais da saúde para que possam contribuir com a correta utilização de plantas medicinais na Atenção Primária à Saúde e que essa prática deve ser incorporada nas Unidades de Saúde da Família (TOMAZZONI et al 2006). As Estratégias de Saúde da Família (ESF's) com o apoio do Núcleo de Apoio a Saúde da Família (NASF) tem importante papel no desenvolvimento de ações com plantas medicinais e fitoterapia, ampliando o acesso da população aos benefícios dessa prática no Sistema Único da Saúde (SUS). Dessa forma, ambas promovem o vínculo entre trabalhadores da saúde e comunidade e torna a relação mais horizontal, reforçando o papel da Estratégia de Saúde da Família (ESF) por ser o primeiro contato do usuário com o SUS, assim como a ampliação das ofertas de cuidado favorece o princípio da integralidade em saúde (Ministério da Saúde, 2012).

BRUNING et al. (2012) ressaltam, que as plantas medicinais não devem substituir o uso de medicamentos alopáticos, mas podem atuar como coadjuvantes. Mas para que isso ocorra, é de extrema importância que os profissionais, principalmente os que atuam na AB, tenham adequado conhecimento acerca desse assunto e sejam os disseminadores do incentivo e recomendação de uso. Pois conforme, os autores anteriormente citados, isso só tende a melhorar a saúde da população. Outro ponto é sempre levar em consideração as tradições culturais da população assistida. A valorização das práticas populares de cuidado, como as plantas medicinais possibilita que se fortaleçam os laços entre a equipe de saúde e os usuários, pois estes irão considerar-se participantes do processo.

Tendo em vista a grande relevância dessa temática o Ministério da Saúde (MS) apresentou em 2006 o Plano Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC). Nesse plano, o MS considera as práticas alternativas, como recursos que estimulam os mecanismos naturais de prevenção e recuperação da saúde, dentre elas, encontramos a fitoterapia. O plano tinha como objetivo aliar as práticas alternativas em saúde na perspectiva da prevenção e promoção da saúde, com enfoque na AB, contribuindo para o aumento da resolutividade do Sistema e, assim, promovendo ações racionais e participação social (Ministério da Saúde, 2006). Em 2012, é lançado o caderno de Atenção Básica nº 31, intitulado práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na AB, que busca estimular a implantação de novos programas no SUS, com melhoria do acesso da população a produtos e serviços seguros e de qualidade; sensibilizar e orientar gestores e profissionais de saúde na formulação e implantação de políticas, programas e projetos; e estruturar e fortalecer a atenção em fitoterapia, com ênfase na AB (Ministério da Saúde, 2012).

CAVALLAZZI (2006), em estudo que discute a temática entre os profissionais da saúde, constata a necessidade de inserir nos cursos de graduação da medicina disciplinas, para orientação sobre o uso das plantas medicinais, visto que, a maioria dos profissionais entrevistados em seu estudo relataram que obtêm a maioria das informações por meio de livros especializados e artigos de revistas. Neste mesmo estudo as enfermeiras das UBS sentem a necessidade tanto como os outros profissionais de uma capacitação sobre plantas medicinais, pois estão sempre diretamente em contato com os

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XVI Jornada de Extensão

usuários, orientando-os. Portanto, percebe-se que mesmo os profissionais dispostos a prescrever as plantas medicinais, possuem pouco conhecimento científico sobre o assunto. Apesar das políticas do MS para incentivar essa prática é necessário que ela seja difundida no meio acadêmico, fazendo parte da formação do profissional.

Conclusões

Percebe-se que o tema plantas medicinais está em constante discussão. Isso se deve principalmente ao avanço nos estudos relacionados a área e a necessidade da população em encontrar formas alternativas para promover sua saúde. Portanto, torna-se indispensável maior estudo por parte dos profissionais nessa área para indicar aos usuários a utilização destas de forma correta. Destaca-se ainda, a importância de estudo e a difusão dessa prática já durante a formação do futuro profissional.

Palavras-chave: Atenção primária a saúde; plantas medicinais; educação em saúde.

Referências Bibliográficas

Brasil. Ministério da Saúde. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos. Brasília, 2009. 136 p.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. A construção do SUS: histórico da reforma sanitária e do processo participativo. Brasília: MS; 2006.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Práticas Integrativas e Complementares: plantas medicinais e fitoterapia na atenção básica. Brasília: MS; 2012.

BRUNING, Maria Cecília Ribeiro; MOSEGUI, Gabriela Bittencourt Gonzalez; DE MELO VIANNA, Cid Manso. A utilização da fitoterapia e de plantas medicinais em unidades básicas de saúde nos municípios de Cascavel e Foz do Iguaçu-Paraná: a visão dos profissionais de saúde The use of phytotherapy and medicinal plants in primary healthcare units in the cities of Cascavel. Centro, v. 84172, p. 440, 2012.

CAVALLAZZI, Mariângela Lunardelli et al. Plantas medicinais na atenção primária à saúde. 2006.

CLARKE, J. H. R.; RATES, S. M. K.; BRIDI, R. Um alerta sobre o uso de produtos de origem vegetal na gravidez. Infarma, v. 19, n. 1/2, p. 41-8, 2007.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XVI Jornada de Extensão

COSTA, V. P.; MAYWORM, M. A. S. Plantas medicinais utilizadas pela comunidade do bairro dos Tenentes - município de Extrema, MG, Brasil. Rev. Bras. Plantas Med., Botucatu, v. 13, n. 3, 2011.

ETHUR, L. Z. et al. Comércio formal e perfil de consumidores de plantas medicinais e fitoterápicos no município de Itaquí-RS. Revista Brasileira de Plantas Mediciniais, v. 13, n. 2, p. 121-8, 2011.

FERRO, Degmar. Fitoterapia: conceitos clínicos. Atheneu, 2008

LIMA, Diego Florêncio et al. Conhecimento e uso de plantas medicinais por usuários de duas unidades básicas de saúde. Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste-Rev Rene, v. 15, n. 3, 2014.

MACIEL, M.A.M. et al. Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. Química Nova, v.25, n.3, p.429-38, 2002.

OLIVEIRA, E. R.; MENINI NETO, L. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte-MG. Revista Brasileira de Plantas Mediciniais, v. 14, n. 2, p. 311-320, 2012.

TOMAZZONI, Marisa Ines; NEGRELLE, Raquel Rejane Bonato; CENTA, Maria de Lourdes. Fitoterapia popular: a busca instrumental enquanto prática terapêutica. Texto Contexto Enferm, v. 15, n. 1, p. 115-21, 2006.

World Health Organization (WHO). Tradicional Medicine Strategy 2002-2005. Geneva: WHO; 2002

YUNES, Rosendo A.; PEDROSA, Rozangela Curi; CECHINEL FILHO, Valdir. Fármacos e fitoterápicos: a necessidade do desenvolvimento da indústria de fitoterápicos e fitofármacos no Brasil. Química nova, v. 24, n. 1, p. 147-152, 2001.